

VOZ DE ANTAS

S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO I
FEVEREIRO DE 1958

Composição e Impressão:
Escola Tipog. da Oficina de S. José
= BRAGA =

PARA O BRASIL

(Carta da Mulher ao Marido)

"Pobres regras! Nem eu sei,
Nem os Anjos saberão:
— Irão dar à tua mão? —
Mas embora! Escrevo á lei
Do meu triste Coração..."

"E nem eu sei, afinal
Se mandarei esta carta:
Serão tristezas á farta:
E não deve ser o mal
Fátia que se reparta..."

Uma carta é o céu aberto!
Mas as cartas do Brasil
São areias num deserto:
O vento leva-as, ás mil;
Não traz nenhuma, decerto!

Que importa! diga o que sinta.
Desafogue a minha magua,
Pois ela quer que eu não minta;
— Sejam lágrimas de tinta,
Em vez de lágrimas de água... —

Desde que foste, ao desvio
D'aquela roda, a navegar,
A minha alma é um negro mar
— Onde não vejo o navio
Em que tu hás-de voltar! —

Amor! desde que partiste,
Tudo é noite, á minha roda;
Ou a própria luz é triste,
Ou, quando te despediste,
Levaste a alegria toda!

Ai de quem espera alguém...
— Tardos navios, andai!
(Ó vai-vens do mar, parai...)
Para os cá, nenhum vem;
Para os de lá, nenhum vai! —

Ó caminhos desleais!
Levastes a minha vida?
— Já que tantas voltas dais,
Podets dar muitas mais
E demorar-lhe a partida! —

Nossos filhos pequeninhos
Bem sei que são meu amparo;
Mas andam pelos caminhos,
Tão pobres e tão rotinhos
Que o próprio sol faz reparo!

Quem vale, de quando em quando,
São as Senhoras da Quinta:
Tem pena da "Faminta",
Com modo tão lindo e brando
Que faz bem a quem o sinta!

Também o nosso Reitor
Nunca se esquece de mim:
Pelo Natal, foi assim.
Na Páscoa, trouxe o Senhor,
E eu puz á porta alecrim.

Escuta, Amor! Vem embora!
Trabalho, todos darão,
E os filhos precisam pão...
Tanto como o pão, agora
Precisam de educação.

Por mim que posso fazer?
Ando fóra, ao vento e á chuva;
Não passo de ser mulher...
Vinha de ti meu poder:
E sou quase uma viúva!

E agora, adeus, Manuel...
Vejo-te, na minha frente.
Mas não como antigamente...
Escureceu-me o papel!
Pouso a mão de repente!

Adeus! Que noite tão fria...
Mas, hoje, tivemos ceia!
Adeus... Lá morre a candeia
Sem azeite... A almotolia
Há quanto que não foi cheia!

P. S.:

"Adeus... Cortei, sobre o atalho
Este ramo de supol:
— Saudades que n'ele espalho
Lágrimas são, como o orvalho;
E os beijos, raios de sol!"

António Corrêa d'Oliveira

(De «A Minha Terra»)

Há mais de um ano que a doença, grave e dolorosa, retem no leito o Sr. Dr. Corrêa de Oliveira. Quanto os nossos pobres devem a esse Homem Venerando, que nos encanta com sua simplicidade, só depois da sua morte o saberemos.

O Senhor lhe mitigue os sofrimentos e o conserve por muitos anos. É esta a nossa prece.

OS DOIS VALENTES

Chovia. Uma chuvinha peneirada que enchia a tarde de moinha e não deixava distinguir as coisas. No largo em frente da Venda Nova, ninguém. Só o inverno a merujar. Por detrás das vidraças da venda havia luz acesa.

— Boas noites, minha gente. (Era quase noite).

O Zé da Fonte fechou o guarda chuva (aquele guarda chuva largo como um coberto, que herdou do seu falecido avô) e demorou-se a limpar as botas à soleira.

— Janeiro molhado...

Os do costume lá estavam. O Mendes, o Sousa e o Fontes. No paleio como sempre.

O Zé da Fonte quando viu o Sousa mandou vir um quartilho. Ele já sabia que ia haver discussão. E precisava de ganhar forças. Era sempre assim. Quando se encontravam os dois nunca se entendiam. Palavra puxa palavra, quartilho puxa quartilho, discutiam, berravam, exaltavam-se. No auge da discussão insultavam-se mutuamente e pronto: davam por terminada a questão. No fundo eram amigos.

— Se você não fosse um velho com essa idade...

O Zé da Fonte arregaçava as mangas. Arregaçava sempre as mangas quando a discussão chegava a esse ponto.

— O que lhe vale é ser pai de filhos, se não...

— Se não quê?

— Esmigalhava o, ouviu? Ouça destas.

— Você?

— Eu.

— Cale-se.

— Schiu.

* * *

Às vezes passavam horas a discutir. O tempo, os nabais, as vidas alheias. Um a dizer, outro a desdizer.

O Zé da Fonte esmurrava a mesa fazendo de conta que esmurrava o Sousa. E o Sousa cuspiu furiosamente no chão como se escarrasse nas ventas do Zé da Fonte.

Quando este chegasse ao ponto de arregaçar as mangas, era sabido o resto da discussão.

— Se você não fosse pai de filhos...

— Cale-se. O que lhe vale a si é ser um velho dessa idade.

— Grande animal!

— Ah seu camelo!

E os dois retiravam-se satisfeitos, cada qual por ter classificado o adversário no reino dos quadrúpedes.

* * *

Mas desta vez o Zé da Fonte arregaçou as mangas, insultou o Sousa e o Sousa insultou-o a ele e a discussão não ficou por aqui.

— Pois fique sabendo que não chegará direito a casa.

— Venha preparado que pelo caminho vai ter visitas.

E o Zé da Fonte saiu a bater com o guarda chuva no chão (aquele guarda chuva amplo) fazendo de conta que batia com ele no lombo do Sousa.

— Olha o menino...

Chap chap. Caminhos enlameados e uma noite escura de breu.

— Que caminhos!

Mas lá ao fundo, à direita, antes da casa da tia Engrácia, estava alguém parado. A esbracejar e a ameaçar. Custava a distinguir mas não havia dúvidas: era um homem. Mau! Seria o Sousa? Mas o Sousa ainda ficara na venda. A não ser que o Sousa tivesse cortado pelo atalho e o viesse esperar.

— Olha que complicação!

O Zé da Fonte parou. Francamente não gostava de barulhos. Não que tivesse medo. Qual quê. Ainda há gente forte em Portugal! Mas, enfim, o Sousa era pai de filhos. Ele devia ter pena dele. O melhor era voltar para trás, aconchegar o estômago com mais uma pinguita na venda até que viesse a madrugada e o Sousa se retirasse. Isso mesmo: voltar para trás. E satisfeito com a sua generosidade em favor do Sousa voltou para trás.

* * *

A verdade é que depois do Zé da Fonte sair, ainda o Sousa se demorou na venda. Demorou-se, cuspiu no chão como quem cospe nas ventas do Zé da Fonte, e saiu.

(Continua na 4.ª página)

== CORRESPONDÊNCIA ==

Meu caro Senhor Reitor:

A sua simpática iniciativa de estabelecer contacto espiritual com os seus paroquianos, que a emigração levou para paragens longínquas, merece (como já tive ensejo de lhe afirmar verbalmente) o meu caloroso aplauso, e, naturalmente, o de todos que compreendam a sua cristã intenção: — não perder de vista as ovelhas do seu rebanho, esmoadrigadas pela necessidade por terras que não são a sua, e onde, tantas vezes, se desviam dos caminhos de Deus.

Além de lhes pastorear as almas, a «VOZ DE ANTAS», muito deve contribuir para que, desenraizados do solo natal, neles não esmoreça o sentimento da Pátria, o que representa, pela sua parte, uma louvável acção cívica.

Quero, também, louvá-lo pela forma como realizou grãficamente a sua bonita ideia. O jornalsinho está, dentro da sua necessária pequenez e da sua simplicidade; alegremente arrumadinho e bem impresso.

Parabéns!

Não pelo nascimento, mas pelo amor que lhe tenho, eu sou quase um filho de Antas. Pelo nascimento e pelo amor, minha Mulher é, totalmente de aí. E, embora sem grande distância material a separá-la do seu torrõesinho natal, poderemos considerá-la, também uma... exilada. De aí, a obrigação, que eu sinto, de, materialmente, ajudar a sua iniciativa, enviando-lhe a pequena e inclusive quantia, através de qual nos consideramos, desde já assinantes de a «VOZ DE ANTAS».

Lisboa, 23-VII-57 Semi-paroquiano e Amigo

Corrêa d'Oliveira

Dia do Emigrante

O 1.º Domingo da Quaresma é dedicado pela Santa Igreja a orar pelos emigrantes.

Não esqueçamos, nesse dia, os nossos que trabalham no estrangeiro.

Azevedo Neiva (França) — Estimo e agradeço muito vossas notícias. A ti e ao Albino obrigado pelos 6.000 francos.

Amândio (Canadá) — Recebemos tua carta. Os companheiros de J. A. C. saudam-te.

Durrães Moreira (França) — O Senhor o acompanhe.

Emílio (Melange) — Obrigado pelas notícias.

Amadeu Meira (Brasil) — O Senhor o ajude e a toda a família para que um dia regressem à terra que os viu nascer.

Alô!... Alô!... Aqui Cufma.

Também cá chegou o pequenino jornal da nossa terra. Pequenino nas dimensões, mas grande, excepcionalmente grande, no ideal que se propõe realizar. Que o Senhor lhe conceda dilatados anos de existência para continuar a alegrar, cada vez com maior intensidade, os corações dos que se encontram longe! Bendito iniciativa em boa hora levada a cabo!

A avellar por mim próprio talvez que essa folha de reduzidas dimensões tenha feito derramar muitas lágrimas de saudade!... Lágrimas de saudade, sim, mas também e sobretudo lágrimas de alegria por verificarmos que os nossos conterrâneos pensam em nós e rezam por nós!... Também os ausentes pensam em nós! Também os de longe conservam gratas recordações da vossa amizade desinteressada e suspiram pelo dia em que vos possam voltar a ver e abraçar! Quantas e quantas vezes (nos momentos das dificuldades, nas horas amargas da vida, durante as noites de insónia, quando os contratempos, os desânimos, as dúvidas e as tentações nos batem à porta) o nosso pensamento voa até ao longínquo torrão que nos viu nascer?!...

A «VOZ DE ANTAS» vem-nos dizer que vós pensais nos filhos de S. Paio que labutam longe da terra, da família, dos amigos... Para todos vós, caros conterrâneos, mas dum modo muito particular para o zeloso pároco a quem o Senhor confiou os destinos espirituais da nossa terra: vai a expressão mais viva e sentida da gratidão imensa dos filhos de Antas que se encontram longe, o mais humilde dos quais é o

Cufma, Janeiro de 1958

P.º António Fernandes de Sá

Tomada de Hábito

Domingos de Matos Vitorino, filho de Domingos Martins Vitorino e Paulina Gomes de Matos, tomou o hábito, a 2 de Fevereiro, na Congregação do Espírito Santo.

Parabéns.

Com Aprovação da Autoridade Eclesiástica

= NOTICIÁRIO =

Baptizados

Manuel Armindo da Rocha Rolo, filho de Serafim Meira Rolo e de Maria Emília Gramosa da Rocha, residentes no lugar de Guilheta. Recebeu o baptismo em 12/1.

Manuel António Persira da Cunha, recebeu o baptismo em doze de Janeiro. Pais: Manuel Rodrigues da Cunha e Cândida Gonçalves Pereira; residem no lugar de Belinho.

Maria Glória Rolo da Silva, recebeu o baptismo em 12/1. Pais: António Oliveira da Silva e Olinda Meira Rolo, residentes em Guilheta.

Manuel Meira Couto, baptizado a dezanove de Janeiro, é filho de Manuel Gonçalves Couto e Rosária Rodrigues Meira, residentes em Guilheta.

Eduardo da Cruz Rolo Viana, filho de Abel Alves Rolo Viana e de Cândida Alves da Cruz Viana, residentes em Guilheta; recebeu o baptismo a 19/1.

Mariana Viana da Cruz, recebeu o baptismo a vinte de Janeiro, filha de Manuel Alves da Cruz (Lindinho) e de Alzira da Cruz Viana, residentes no lugar do Monte.

Manuel Alberto de Faria Viana, recebeu o Sacramento do baptismo a seis de Janeiro. Pais: Alberto Pereira Viana e D. Maria Emília Barros de Faria, professora oficial.

Maria Amélia de Azevedo Torres, filha de José Isírio de Meira Torres e de Maria da Cruz Azevedo, residentes no lugar de Belinho; foi baptizada a 2/2.

José António da Costa Faria, baptizado a 2/2; é filho de Cândido Moreira de Faria e de Emília Pereira de Costa, do lugar de Freixo.

Casamentos

Manuel Viana Caramelho e Olívia Pires Lapeiro, do lugar de Guilheta. Casaram em 18/1.

— Em 9 de Fevereiro casaram: António Gonçalves Caramelho, com Teresa do Menino Jesus Gonçalves Ribeiro Neves.

E José Ferreira Gregório, com Maria Celine Ribeiro Neves Lapeiro.

— Aurélio de Almeida Torres Neiva e Maria Rodrigues Dias, residentes em Azevedo. Casaram a 15/2.

Partiram ...

Para o Congo Belga: Vasco Miranda Ferreira, solteiro, de 26 anos.

Para a Argentina: Albino Pires Laranjeiro e Alexandre Pires Laranjeiro, casados. Vieram em Julho para visitar as famílias.

António Azevedo da Cruz, de 19 anos, foi para a companhia do pai: Carlos da Costa Cruz.

Fernando da Costa Rolo, de 18 anos, foi para a companhia do tio, Cândido Alves Rolo Novo.

— A freguesia é uma família, deve ser uma família. A Igreja é o lar; o pároco é o pai, o chefe; os filhos sois vós.

O vosso Reitor, como pai e amigo, sente as vossas alegrias e tristezas; e por isso ele gosta de despedir-se de todos quantos partem para longe, e todos tem uma palavra a dizer e uma lembrança a dar.

O Senhor vos acompanhe e que um dia volteis não só mais ricos de bens materiais mas também, e ao menos, com a mesma fé e Amor a Deus com que partistes.

OS DOIS VALENTES

(Continuação da 2.ª página)

Mas para se não encontrar com ele (não que tivesse medo, nada disso) endireitou pelo atalho. Mas pouco depois do atalho desaguar na estrada, também ele vê lá em baixo, junto da casa da tia Engrácia, à direita, o mesmo homem a esbracejar e a ameaçar.

Mau! Seria o Zé da Fonte? Pois era concerteza.

— Olha que espiga!

Se bulhassem ele, Sousa, era capaz de o derreter. Mas era um crime esfregar assim um velho. O melhor era voltar para a venda, tomar uns copitos enquanto o dia não vinha. E depois, se o Zé da Fonte ainda lá estivesse, então sim dar-lhe-ia uma boa ensaiadela que ele bem precisava. E voltou para a venda.

* * *

— Truz... Truz... Truz...

Dentro da venda, o Zé da Fonte já ressonava.

— Truz, truz, truz.

— Hein...

— Abra, sr. Manuel, que sou eu.

Mas o sr. Manuel já dormia no andar de cima. E o Zé da Fonte foi abrir.

Quando se viram um em frente do outro ficaram sem fala.

— Oh.

— Oh.

E resolveram tomar um copo à saúde de todos os valentes de S. Paio.

* * *

Ao outro dia, do lado direito do caminho, no campo da tia Engrácia, lá estava ainda um grande espantalho de palha que a tia Engrácia dependurara no lateiro, para afugentar os pardais que lhe davam cabo da horta.